



GT 16. Antropologia, Saúde Pública e fabulações cosmopolíticas: etnografia e possibilidades simbiopoéticas de cuidar/fazer o mundo.

Coordenador(es):

José Miguel Nieto Olivar (USP - Universidade de São Paulo)

Maria Paula Prates (UFCSPA - Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)

Colocamos em discussão três sistemas de produção de conhecimentos: a antropologia, a saúde pública e as cosmopolíticas. Trata-se de sistemas não equivalentes com relações não simétricas. Assumimos como ponto de vista a antropologia, principalmente de base etnográfica. Olhamos para a saúde pública como um campo fundamental de ação política e de gestão de novas e antigas formas de governo. Entendemos o marco cosmopolítico como um conjunto analítico e proposicional contemporâneo de extrema relevância para pensar “o mundo” nos seus limites e multiplicidades, em relação com formas possíveis de produção de conhecimento. Nos perguntamos: O que a antropologia brasileira contemporânea, objeto múltiplo e em franca transformação, tem a dizer sobre as relações possíveis entre antropologia e saúde pública no marco do conjunto de transformações e desastres que tem sido compreendidas como “fim do mundo”, Antropoceno, entre outros? Como a saúde pública pode se ver afetada no atravessamento de perspectivas antropológicas e etnográficas no marco do Fim do Mundo? Quais as possibilidades de uma antropologia da saúde, com sua tradição de corpos, curas, perturbações, saberes e emoções, no marco das propostas em curso sobre intervenções cosmopolíticas e intrusões de Gaia? Como alimentar etnograficamente os processos de cuidado, resistência, intervenção, intromissão e (re)feitura d/nos fins do(s) mundo(s), enquanto abre-se a possibilidade de reinvenção da antropologia?

O cuidado e suas redes: doença e diferença em instituições de saúde indígena em São Paulo

Autoria: Valéria Mendonça de Macedo (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

'Cuidado' e 'humanização' são duas palavras intensamente interseccionadas na literatura de etnologia indígena e, de modo bastante distinto, na literatura antropológica sobre saúde. Busco estabelecer conexões parciais (Strathern 1991) entre esses repertórios como modo de fazer visíveis algumas questões concernentes à minha experiência etnográfica na Casai (Casa de Apoio à Saúde Indígena) na cidade de São Paulo. Para muitos indígenas, esse espaço pleno de diferença intensifica a vulnerabilidade inerente ao adoecimento, em que se é habitado por alteridades e seus efeitos transformacionais. Em meio a irreduzível singularidade de suas experiências, estar sob cuidado dos brancos constitui um ponto convergente entre os indígenas que vêm a São Paulo para tratamento biomédico. Ser alvo de cuidado implica estar sob o olhar ? e, portanto, sob a consideração ou a intervenção ? de outrem, mas implica também fazer-se visível a ele, mobilizá-lo de modos específicos, fazer com que ele faça. Este artigo se volta para algumas relações de cuidado em que pacientes indígenas e profissionais de saúde estão ativamente, e diferentemente, implicados. Particularmente no que diz respeito a políticas no campo da saúde indígena, a humanização costuma ser vinculada a proteção e respeito a condições de vida tradicionais e a concepções dos pacientes indígenas concernentes ao processo de adoecimento e seu tratamento. Pautado pelo multiculturalismo, o cuidado humanizado entre profissionais de saúde via de regra implica o reconhecimento da humanidade como fundamento biológico comum (desqualificando hierarquias raciais) e das culturas como direito à diferença (desautorizando hierarquizações culturais). A antropologia, contudo, vem aprendendo com os povos indígenas que cuidado e humanização podem estar diferentemente implicados em ontologias que não



incluem premissas biologizantes. Adoecimentos, práticas de cuidado e outras intervenções nos corpos produzem aparentamentos e desaparentamentos, e por extensão, processos (sempre reversíveis, posto que relacionais) de humanização. O paper se volta para como corpos e doenças são feitos, desfeitos ou refeitos por meio de relações de cuidado nessas instituições de saúde indígena. Nos engajamentos envolvendo indígenas e profissionais de saúde que pude acompanhar, o cuidado parece aproximar-se do que Mol designou como espaço heterotópico (2008), marcado por sua incompletude, contingência e por experimentações que mobilizam diferentes conhecimentos, pessoas e materialidades, em processos de tradução mútua que expressam a vulnerabilidade e a potência de compor-se com outros.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: